

Gilda sambou no Portela e falou sobre Orson Welles, 9 mar. 1962

Vlado Herzog

O Estado de S. Paulo, 9 mar. 1962

RIO (*Estado*) – Faltavam poucos minutos para a meia-noite. O salão do Madureira, apinhado de gente, dançando prá cá, gingando prá lá, entoando em surdina de cansaço a marchinha do Portela, enquanto alguns lá do alto da sacada, copo e apito na mão, marcavam passo e comentavam “Ah, se o Pelé estivesse aqui, dava show”; “qual o que, o Garra ainda dá no couro!...”.

Meia-noite tocou, ninguém ouviu, um carro parou, à porta, desceu gente. Logo à frente, uma mulher quase magra, cabelos ondulados, vestido verde simples, olhar espantado. Notando a diferença de vestimenta, a turma logo abriu alas. A mulher desceu devagar as escadas que davam para o salão. Alguém veio recebê-la. Cumprimentou-a. Ela respondeu em castelhano – viram que era “de fora”.

No salão, o baile continuou.

Ela primeiro ficou parada, olhando os passistas, marcando com o corpo o ritmo quente. Quando sentiu que podia tentar começar, foi difícil arranjar parceiro. O pessoal estava um pouco intimidado. Ela então começou a dançar só. Improvisou. Acompanhou o cordão por algum tempo. Esperou que alguém se animasse e resolvesse dançar com ela. Não demorou muito. Primeiro um, depois outro, destacaram-se do cordão e, mexendo o corpo em câmara lenta para que ela pudesse acompanhar o movimento, acabaram juntando Rita à turma. Os Acadêmicos de Portela eram agora mil quinhentos e um.

“Sou filha e neta de dançarinos” – diz Rita Hayworth, com orgulho.

Quando ainda seu sobrenome era Cansino, ela já aos quatro anos de idade começava a aprender, tendo por mestre seu avô de grande nome e seu pai fiel continuador, dançarinos espanhóis de prestígio. Então se chamava Margarita e, aos treze anos – sempre ao lado do pai –, exibia-se no México, em Tia Juana e Aguas Calientes. Corria o ano de 1932.

Em 1935, um dos habituais “caçadores de talentos” de Hollywood viu-a dançar e contratou-a para a Fox, onde, sob o nome de Rita Cansino, fez seu primeiro filme (só dançou) *Dantes Inferno*. Como atriz, com três “deixas”, participou pela primeira vez em *Under Pampas Moon*, seguindo-se *Paddy O’Day* e alguns *westerns* de terceira classe. Já na “Columbia”, teve seu primeiro papel importante, ao lado de Cary Grant em *Only Angels Have Wings* de Howard Hawks. Na fita de Charles Vidor *A protegida de papai* atingiu o estrelato. Em 1946, com *Gilda*, atingiu a fama.

– Foi realmente para mim um sucesso inesperado, embora já estivesse acostumada com os aplausos em minha vida profissional – diz Rita falando de *Gilda*. “Era o coroamento das experiências que acumulei pelo contínuo trabalho” (ela estudou arte dramática em Los Angeles). “Vidor e eu conseguimos naquele momento entendermo-nos perfeitamente, pois ambos tínhamos algo a dar. A isto atribuo a razão do êxito da fita.”

A conversa logo a seguir resvala inevitavelmente para *A dama de Shanghai*. Ela então fala de Orson Welles, não como seu ex-marido.

– É um excelente diretor. Um grande talento. Não é verdade que seja excêntrico. Gostei muito do *Cidadão Kane*, embora não conhecesse Orson ainda naquele tempo. Ele se diferencia dos demais diretores norte-americanos principalmente pela sua fecundíssima imaginação.

Sobre seus companheiros de elenco, Rita fala pouco. Considera Glenn Ford “um ótimo ator, muito divertido” e gostaria de trabalhar novamente com ele. Ao falecido Tyrone Power, com quem contracenou em *Sangue e areia*, Rita só conheceu nas horas de filmagem. “Foi um colega muito agradável, o qual lembro com saudade.”

Falando sobre o futuro de sua carreira, Rita Hayworth diz que após seu último filme, *The Happy Thieves*, no qual atuou ao lado do ator inglês Rex Harrison, pretende pela primeira vez em sua vida dedicar-se ao teatro dramático, integrando o elenco de *Step on Crack* de Bernard Evslin, que será encenada na Broadway no próximo verão. Na peça, ela faz o papel de uma atriz, casada com um médico. O tema é a falta de compreensão mútua que reina no seio de uma família tradicional americana.

Quanto aos papéis que lhe são confiados, Rita diz que costuma estudar todo o cenário, procurando conhecer a fundo todos os personagens. Gosta de variar de gênero, sem preferência pelo drama ou pela comédia.

A intérprete de Doña Sol conclui afirmando que não pretende, como muitos artistas cinematográficos dos Estados Unidos, dedicar-se à televisão, tendo recusado todas as ofertas que lhe foram feitas (“não gostei dos papéis”), inclusive para simples entrevistas no vídeo.

*

Textos das reportagens das páginas 8 e 9 de Vlado Herzog

HERZOG, Vladimir. “Gilda’ sambou no Portela e falou sobre Orson Welles”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 mar. 1962, p. 9, c. 1.